

**AS ANASTÁCIAS DO QUILOMBO:**  
história, memória e identidade das mulheres no hip-hop maranhense

The Anastácias do quilombo: history, memory and identity of women  
in hip hop maranhense

Las Anastacias del quilombo: historia, memoria e identidad de  
las mujeres en hip hop maranhense

---

**Claudimar Alves Durans**

Mestre em História Social (UFMA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da  
Universidade Federal do Maranhão (NEAB-UFMA).

[claudimardurans@yahoo.com.br](mailto:claudimardurans@yahoo.com.br)

---

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar a organização do grupo de mulheres do movimento Hip-Hop – “Preta Anastácia”, que faz parte do Movimento Hip Hop Organizado do Maranhão “Quilombo Urbano”. Percebendo assim, como um movimento político-cultural, que reúne três manifestações artísticas: o rap, break e grafite têm tratado as relações de gênero em seu interior, representando as mulheres e desenvolvendo atividades no sentido de construir a identidade étnico-racial e de gênero às mulheres que participam dele. Enquanto metodologia, o estudo foi realizado mediante a combinação da pesquisa bibliográfica, documental e empírica, o que levou a inserção da pesquisadora o grupo pesquisado. Os dados refletidos foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, observação participante, bem com na aquisição de documentos, letras de músicas, panfletos, jornais e diversos outros materiais utilizados e produzidos pelo hip-hop, em especial o maranhense. Compreendemos que o hip-hop se constitui, apesar de todas as suas contradições, em uma possibilidade para as mulheres que buscam um agir coletivo questionando o posicionamento inferiorizado que é atribuído a estas, a partir de uma reivindicação feminista, construindo caminhos para uma maior visibilidade cultural e política.

**Palavras-chave:** Hip-Hop. Identidade. Mulheres. Memória.

**Abstract**

This article aims to analyze the organization of the women's group of the Hip-Hop movement - "Preta Anastácia", which is part of the Organized Hip Hop Movement of Maranhão "Quilombo Urbano". Realizing this, as a political-cultural movement, it brings together three artistic manifestations: rap, break and graffiti, and that they treat the gender relations within them, representing women and developing activities to construct ethnic-racial identity and gender to the women who participate in it. As a methodology, the study was carried out through a combination of bibliographical, documentary and empirical research, which led to the insertion of the researcher in the research group. The data collected were collected through semi-structured interviews, participant observation, as well as in the acquisition of documents, lyrics, pamphlets, newspapers and various other materials used and produced by hip-hop, especially Maranhão. We understand that hip-hop constitutes, despite all its contradictions, a possibility for women seeking collective action by questioning the inferior

positioning that is attributed to them, based on a feminist claim, building paths for greater visibility cultural and political.

**Keywords:** Hip-Hop. Identity. Women. Memory.

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la organización del grupo de mujeres del movimiento Hip-Hop - "Preta Anastácia", que forma del Movimento Hip Hop Organizado de Maranhão "Quilombo Urbano". En este sentido, como un movimiento político-cultural, que reúne tres manifestaciones artísticas: el rap, break y grafite han tratado las relaciones de género en su interior, representando a las mujeres y desarrollando actividades en el sentido de construir la identidad étnico-racial y de género a las mujeres que participan en él. En cuanto metodología, el estudio fue realizado mediante la combinación de la investigación bibliográfica, documental y empírica, lo que llevó a la inserción de la investigadora el grupo investigado. Los datos reflejados fueron recolectados por medio de entrevistas semiestructuradas, observación participante, así como en la adquisición de documentos, letras de canciones, folletos, y diversos otros materiales utilizados y producidos por el hip-hop, en especial el maranhense. Comprendemos que el hip-hop se constituye, a pesar de todas sus contradicciones, en una posibilidad para las mujeres que buscan un actuar colectivo cuestionando el posicionamiento inferior que se atribuye a éstas, a partir de una reivindicación feminista, construyendo caminos para una mayor visibilidad cultural y política.

**Palabras clave:** Hip-Hop. Identidad. Mujeres. Memoria.

---

### Introdução

A organização de mulheres no Quilombo Urbano se deu desde o início da década de 1990, fazendo com que este movimento trouxesse o mérito de ser o primeiro movimento Hip Hop do Brasil a ter em sua estrutura interna um núcleo de mulheres. Com o objetivo de coibir práticas machistas dentro do movimento, estas mulheres passam por um processo de constituição da identidade coletiva, a partir da reivindicação feminista, de um posicionamento grupal em relação aos antagonismos e conflitos vivenciados no cotidiano engendrados pelo pertencimento e a compreensão dos processos de opressão que as mulheres sofrem.

O Núcleo de Mulheres "Preta Anastácia" foi criado no ano de 1997. Este grupo de mulheres se caracterizou por uma participação mais efetiva na cultura Hip Hop e é formado por mulheres que cantam rap, que dançam break e que fazem grafite. O nome do grupo é uma homenagem a Anastácia, mulher negra escravizada que nasceu na cidade de Pompeu, centro-oeste mineiro. A história dela é narrada a partir do imaginário popular que diz ter sido uma mulher muito bonita, curandeira, que ajudava os doentes e com suas mãos fazia muitos milagres. Por se negar a ir para a cama com seu Senhor, foi perseguida, torturada e sentenciada a usar uma máscara de flandres, (tipo de máscara muito usada nos escravizados que trabalhavam nas minas e garimpos, como forma de evitar que estes não engolissem as

pepitas encontradas) que era retirada só no momento que esta se alimentava. Extremamente doente foi levada para o Rio, onde faleceu. Foi sepultada na Igreja do Rosário. Hoje não se tem registros históricos mais palpáveis em função de incêndio na igreja que destruiu muitos documentos.

E é das reminiscências de Preta Lu (informação Verbal)<sup>1</sup>, que vamos descobrir um pouco mais de como se deu a escolha do nome:

*Um ajuntamento de mulher foi pra Praça do outro lado, da parte debaixo da Deodoro, tinha várias mulheres... Elas me convidaram eu fui. Nesse tempo não tinha o nome “Preta Anastácia”, a gente tava buscando um nome pra botar no núcleo, entendeu? O Quilombo urbano, no começo tinha uma característica quase que anarquista, então, ficava muito no espontaneísmo, nesse critério nome, talvez a gente tava tão preocupado em se organizar, tava tão preocupado no conteúdo do núcleo, que essa questão do nome do núcleo foi pensado depois... Foi batizado “Preta Anastácia... Foi no ano de 1998, que criou o nome. Eu me lembro que foi escolhido, a gente conseguiu um folder, que veio de São Paulo, da posse Hausa, que tinha, né! E que veio nesse folder a história de três heroínas negras e nossa eu fiquei extasiada, eu com as outras companheiras e alguém propôs: olha a gente devia colocar o nome dessa aqui!. Todas leram o conteúdo, até então, eu ainda não tinha tido nenhum contato com a história assim de uma liderança negra, apesar eu ter sido criada nas redondezas do Centro de Cultura Negra (CCN), sempre foi muito carente essa parte escrita, ler alguma coisa contar alguma história na íntegra, ou seja através do Hip Hop veio uma história na íntegra, veio lá de São Paulo atravessou o Brasil todinho e veio bater na mão da gente. Então a gente escolheu esse nome, por volta de 98.*

A escolha do nome “Preta Anastácia” está relacionada com a preocupação de resgatar um passado recalcado por uma história tradicional, que silenciou muitas mulheres. É com este exemplo de mulher, resistente que as “Anastácias” vão se inspirar, diferente do que muitos pensam ao ver o nome do grupo que remete a outra Anastácia, muito conhecida, a Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato que tem a cozinha como seu espaço de confinamento e de sua desqualificação social.

Para Ribeiro (2011), o próprio nome Nastácia, sendo uma redução de Anastácia, já demonstra uma corruptela carregada de ideologia pejorativa, exprimindo uma ideia de inferioridade, de uma subserviência, à negra idosa, em contra partida a Dona Benta, que significa abençoada. Através da análise de Ribeiro (2011) percebemos que há um espaço de pertencimento para a mulher na sociedade e este espaço está ainda muito relacionado à casa, mas mesmo ligando as mulheres a este espaço percebemos que a mulher negra, ocupa um lugar de inferioridade.

Dessa forma, ser mulher, para as hip-hopianas, não define somente lugares de pertencimento, mas também de vivências de opressão, que as mobilizam para o enfrentamento

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida em 3 de outubro de 2014, no bairro da Liberdade. São Luís-MA

político em um espaço específico, que é o Hip-Hop e em outros espaços. Destarte, em suas especificidades, a constituição da identidade coletiva para estas mulheres, agrega interesses pessoais e o propósito do movimento, criando um campo de ação no qual elas conseguem expressar e realizar tais projetos.

A inserção no movimento propicia a constituição de uma identidade coletiva referenciada pelos elementos constituidores da cultura Hip-Hop, através do Movimento Hip Hop Organizado do Maranhão “Quilombo Urbano”. É nesse grupo de referência que as ações são planejadas, tais como *shows*, manifestações, oficinas, posses e grupos de discussão e de estudos abordando os mais variados temas, principalmente, relacionados aos problemas enfrentados pela juventude nas comunidades.

O Quilombo Urbano torna-se, assim, um importante mediador e contexto de aprendizagem das relações indivíduo-coletivo e dependendo dos modos de organização podem fazer valer sua força reivindicatória como instrumento de pressão e mudança social. Esse pertencimento a um coletivo é também valorizado nas produções que por vezes não recebem uma autoria individual, mas sim coletiva, tornando os produtos (rap, grafite, especialmente) como obras que trazem uma visão de mundo compartilhada.

No grafite abaixo se encontra em forma de imagem, a valorização que os hip-hopianos maranhenses procuram imputar à mulher negra.

**Ilustração 1** - Grafite no bairro da Liberdade, produzido pelo grupo D'esquerda Crew no ano de 2009



Fonte: Acervo da autora

Há no grafite, uma mulher entre várias flores, Acima há inscrição: *no meu jardim a rosa preta é a mais bela*. Este traz uma crítica à um padrão de mulher estabelecido pela sociedade. Entendemos que existe uma luta para modificar os valores contidos em definições estigmatizantes que perpassa pela eliminação das condições que permitem a dominação

material e simbólica, que leva os que estão excluídos a se revoltarem contra os efeitos danosos de tais definições estereotipadas (BOURDIEU, 2014).

Existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que por outras palavras, a existência real da identidade, supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença – qualquer unificação, que assimile aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra (BOURDIEU, 2014, p.129).

Entretanto, se a luta por uma imagem positivada para a juventude que faz parte do Hip-Hop é o que une esses jovens homens e mulheres do movimento, existe, por outro lado, enfrentamentos cotidianos vivenciados pelas mulheres em relação à desigualdade de gênero entre pares, pois além de ter o enfrentamento da lógica de que o espaço feminino é o privado, estas ainda têm que lide com a menor visibilidade de suas produções.

Coincidentemente ou não, é no *ethos* do elemento rap que localizamos lideranças femininas significativas, da antiga e nova geração do movimento Hip-Hop em São Luís, que estão abrindo espaço para uma discussão qualificada das relações de gênero no interior do movimento e construindo espaços de articulação e formação ético-política, pautada nos princípios orientadores do movimento desde sua gênese, que é a solidariedade “entre as minas” a partir do entendimento das especificidades colocadas para as mulheres no Hip Hop.

Assim, o Núcleo de Mulheres “Preta Anastácia” vai se compor da seguinte maneira: com a maioria de rappers, algumas tantas *b-girl*, poucas grafiteiras e outras mulheres que não estavam inseridas em nenhum elemento, mas que participavam ativamente da organização do movimento e do grupo de mulheres.

**Ilustração 2** - Algumas mulheres do “Preta Anastácia” nas Sexta Hip Hop Praça lagoa Amarela



Fonte: Acervo da autora

É a partir da atuação do grupo que a preocupação com o machismo passou a ser constante no Quilombo Urbano por todos os seus militantes, tendo como exemplo dessa conquista a proibição de músicas ou falas, em shows e eventos da entidade, que expressassem o machismo, fato este, que destoava do movimento nacional, pois o Hip Hop brasileiro, em suas várias manifestações, expressavam práticas machistas, como já analisamos no capítulo anterior.

Mas não devemos deixar de frisar que tendo consciência do machismo e, mesmo se policiando para não cometer tal prática, o machismo ainda tem permanência no seio do movimento, mas não sem ser questionado. Como relata Régia<sup>2</sup>:

*Apesar de você ouvir ainda certos comentários que são extremamente machista, desnecessário, né? Mas, só que a gente não se cala, lógico! Não pode, né? A gente diz: Olha companheiro não é assim. Não vamos reproduzir o machismo. A gente tem sempre esse cuidado.*<sup>3</sup>

Assim, no ano de 1996, em uma assembleia de reorganização do MH<sub>2</sub>O Quilombo Urbano foi lançado um documento pontuando alguns itens que precisavam ser repensados. Entre as propostas estavam a organização das posses, descentralização das atividades na Praça Deodoro, palco principal deste nas décadas de 1980 e 1990; capacitação dos militantes, a relação do Quilombo Urbano com os partidos políticos, movimentos sociais (negro e popular) e sindicatos e, o que interessa diretamente à nossa pesquisa, a retratação em relação a organização das mulheres dentro do movimento.

No documento, desta assembleia, estava a seguinte reflexão:

Cinco anos já se passaram de Movimento organizado em nosso estado e infelizmente uma triste realidade que se percebe é que diante todo esse tempo nós não conseguimos projetar nenhuma liderança mulher, um dado que é por si só estarrecedor para uma organização que se propõe na luta por uma sociedade de homens e mulheres livres.

Não é nosso intuito querer passar uma visão paternalista de que a organização das mulheres dentro do Quilombo Urbano depende dos homens, pelo contrário tal flagrante só demonstra de fato até que ponto o machismo ainda se encontra enraizado em nossa organização, pois se as mulheres não se aproximam do movimento, não opinam, não intervêm, enfim não cresce politicamente é por que alguma coisa errada está acontecendo ou com as mulheres ou com a nossa organização, aí preferimos ficar com a segunda opção. Imaginemos só se nós pretos e pobre não nos percebemos como pessoas oprimidas e exploradas com certeza nossa organização não teria o mesmo cunho sócio-racial que tem hoje; e que sabe talvez até não tivesse nas mãos de alguns brancos burgueses como já teve outrora.

---

<sup>2</sup> Régia é militante do Movimento Hip Hop Organizado do Maranhão Quilombo Urbano e do Núcleo de Mulheres preta Anastácia, é b-girl, entrou no Quilombo Urbano, quando ainda estava no Ensino Médio, atualmente é estudante do Curso de Geografia da UFMA.

<sup>3</sup> Entrevista concedida no dia 18 de agosto de 2014, nas dependências da UFMA.

(MOVIMENTO HIP-HOP ORGANIZADO QUILOMBO URBANO, 1996)

E o texto continua, finalizando com algumas propostas:

- Promover debates, palestras e amostras de vídeos sobre a questão da mulher;
- Promover curso de capacitação sobre a questão da mulher com consideração e preferência de inscrição para as mulheres;
- Obter informações junto a organização partidárias (PT e PSTU) sindicais e movimento de mulheres para subsidiar nossas irmãs na elaboração de uma proposta para o movimento;
- Incentivar a criação de grupos de rap, break e grafite com formação feminina.

É importante frisarmos que a existência de mulheres no Quilombo Urbano e mais tarde organicamente em um grupo de mulheres e as referências constantes à bravura da mulher de periferia nas manifestações culturais deste movimento não significa de modo algum que o mesmo tenha removido todos os mecanismos de barragem da entrada de mulheres no seu seio, haja vista a pequena quantidade de mulheres militantes se comparadas aos homens.

Por essa e outras razões que as mulheres do Hip-Hop continuam desenvolvendo uma luta constante contra as formas de dominação masculina na sociedade brasileira e no interior do movimento, especificamente.

Com o objetivo de fortalecimento das mulheres o Núcleo de Mulheres “Preta Anastácia” empreendeu uma série de atividades fundamentais como forma de reflexão da condição da mulher na sociedade.

No ano de 2002, organizaram o I Encontro Norte-Nordeste de Mulheres do Hip Hop. Ocorrido entre os dias 12 e 14 de junho, no Sindicato dos Bancários no centro da capital maranhense. Este encontro teve como tema: Hip Hop – *alternativa de conscientização e transformação para a mulher da periferia*. Tendo, na abertura a presença de partidos políticos, sindicatos, movimento negro e popular.

Os dias que se sucederam, houve palestras, mesas-redondas e discussões. Destacamos: *A origem da opressão da mulher*, palestra ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Durans, do Departamento de Serviço Social; a mesa-redonda *Identidade, sexualidade e cultura*, cujas palestrantes foram Prof.<sup>a</sup> Msc. Ilma de Fátima de Jesus, militante do Movimento Negro Unificado e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marly Sá Dias, professora do Curso de Serviço Social e Preta Lu, coordenadora do Grupo de Mulheres “Preta Anastácia” e militante do Quilombo Urbano. Também se debateu *Política de atuação e afirmação para a mulher no Hip Hop*.

É importante destacar que o evento discutiu assuntos específicos ligados ao Hip Hop, como questões mais históricas e estruturais relacionados à opressão sofrida pelas mulheres, característica marcante do Quilombo Urbano.

Outro destaque que não podemos esquecer é que enquanto acontecia o evento, homens do Quilombo Urbano se revezavam, tomando conta da creche organizada para as filhas e filhos das militantes, na limpeza e produção de alimentação das participantes do encontro.

A experiência do movimento com o encontro de mulheres promoveu uma mudança crucial no papel e atuação feminina no Hip Hop maranhense. Seu resultado foi de contribuições no avanço de questões como reconhecimento e luta pelo espaço das mulheres no Hip Hop.

Deste modo, podemos inserir o Núcleo de Mulheres “Preta Anastácia” no que se conveniu chamar de Feminismo Negro, pois é protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar direitos, no que se refere a um aspecto representativo das diferenças entre as mulheres, por incorporar em suas abordagens a transversalidade entre gênero, raça e classe, como elemento representativo das diferenças nas experiências das mulheres

O curioso disso é que historicamente os grupos de mulheres negras organizadas surgiram, em sua maioria, no interior do movimento negro, pois “é no movimento negro que se encontra o espaço necessário para a discussão e desenvolvimento de uma consciência política a respeito do racismo, de suas práticas e articulações com a exploração de classe” (GONZALEZ, 2008, p. 37). Fato que não ocorria no movimento feminista brasileiro, pois as intelectuais e ativistas tendem a reproduzir a postura do feminismo europeu e norte-americano ao minimizar, ou até mesmo deixar de reconhecer, a especificidade da natureza da experiência do escravismo por parte de mulheres negras, indígenas e de países antes colonizados (GONZALEZ, 2008)

No entanto, mesmo com a participação e existência de grupos de mulheres no seio do movimento negro, este ainda conservava um ranço machista em suas fileiras.

Desnecessário dizer que o movimento negro não deixava (nem deixou) de reproduzir certas práticas originárias da ideologia dominante, sobretudo no que diz respeito ao sexismo, como já dissemos. Ainda, como nós mulheres e homens negros nos conhecemos muito bem, nossas relações apesar de todos os “pegas”, desenvolvem-se num plano mais igualitários cujas raízes, como dissemos acima, provêm de um mesmo solo: a experiência histórico-cultural comum (GONZALEZ, 2008, p.39).

O “Preta Anastácia”, também se insere nesse perfil de grupo de mulheres surgido, a partir de uma organização do movimento negro. Embora com uma parca presença, essas mulheres não se abstêm de ir para o enfrentamento das duras lutas que cotidianamente enfrentam, demonstrado, a partir dos depoimentos supracitados. Conscientes de seu papel no movimento e na sociedade, essas mulheres vão clamar às mulheres a despertarem contra toda forma de exploração e opressão. Esta preocupação pode ser percebida em inúmeras atividades e documentos.

O Núcleo de Mulheres Preta Anastácia faz parte do **Movimento Hip Hop Organizado do Maranhão Quilombo Urbano** e surge para discutir e lutar pela igualdade de condições entre homens e mulheres, recarregando a mente daquelas que a séculos se sentiram subjugadas, alienadas e usadas pelo sistema capitalista machista dominante em nossa sociedade. Este informativo é mais uma arma de conscientização de mulheres e homens que desejam se unir contra todas e qualquer forma de opressão social. Esse é o espaço para aquelas e aqueles que não se calam e buscam liberdade e igualdade através da coletividade (NÚCLEO DE MULHERES PRETAS ANASTÁCIA, 2010).

Nesse Informativo, o grupo caracteriza o seu surgimento e objetivo, pois este se configura como “mais uma arma” de conscientização de mulheres e homens que têm um objetivo comum: a luta contra qualquer tipo de opressão, que para estes só é possível através da coletividade.

Dessa feita, o informativo vai ser dividido em várias colunas, a primeira chamada **Mulher de luta!** Faz um chamado às mulheres latino-americanas e caribenhas a *lutar pela vida, pelo seu corpo e seu destino*, além do dia 25 de Novembro, data de início dos 16 dias de luta pelo fim da violência contra a mulher.

A coluna **V Marcha da Periferia e 21º Festival Hip Hop Zumbi**, na qual faz a descrição do surgimento da Marcha da Periferia e sua importância, assim como todos os eventos ocorridos. E a terceira coluna alcunhada **Mulheres pela Reforma Urbana**, onde fazem crítica ao crescimento desordenado e à especulação imobiliária na cidade de São Luís, que segundo o movimento, não beneficia de fato quem mais necessita de moradia. Defendem a reforma urbana construída em outros pilares, não os já estabelecidos em que uma parcela significativa da população é excluída e nesse caso, muitos são as famílias matrifocais.

Fazem a diferenciação entre a mulher burguesa e a mulher pobre, tomando como ponto de partida os problemas que afetam o bairro/cidade. Denunciando a exploração que o capitalismo submete homens e mulheres da classe trabalhadora e apontando o Socialismo como alternativa.

Os hip-hopianos do Quilombo Urbano, nessa direção, através de um panfleto feito para uma de suas posses chamada Liberdade sem fronteira<sup>4</sup>, em homenagem ao Dia da mulher denunciam:

Enquanto as mulheres burguesas queimam calcinhas e sutiãs em praças públicas, a polícia de Eurídice Vidigal impõe terror na periferia e faz a mulher pobre chorar a morte de seu filho. A Roseana Sarney do Calhau em nada se parece com a D. Maria do bairro da Liberdade, pois enquanto uma pertence à classe exploradora e corrupta a outra é vítima da exploração e corrupção. Enquanto a Rede Globo apresenta Ana Maria Braga como uma mulher branca burguesa que conseguiu superar um câncer com tratamento milionário, nos socorões dezenas de mulheres negras e pobres morrem à míngua sem se quer serem atendidas. (MOVIMENTO HIP-HOP ORGANIZADO QUILOMBO URBANO [2006 ou 2007]).

E continua:

Precisamos compreender que o machismo funciona como ideologia que coloca a mulher em situação de inferioridade para melhor explorá-la e com isso aumentar o lucro burguês, por isso os salários das mulheres trabalhadoras são quase sempre menores, principalmente as das mulheres negras. Então, para o bolso de quem vai esse dinheiro? Do marido? É claro que não! Da mesma forma, não é o patrão que paga para lavar a farda que seus trabalhadores utilizam nas empresas, mas sim as esposas ou filhas dos trabalhadores. É isso, exploração sem remuneração. É verdade que tivemos muitas conquistas, mas nenhuma delas sem luta. Somente com organização e mobilização poderemos avançar nas conquistas de mais direitos impedir que outros sejam destruídos. Contudo não temos nenhuma ilusão de que conquistaremos plenamente, nossa libertação por dentro das estruturas do capitalismo. Pelo contrário, é preciso que a luta contra o machismo esteja combinada com a luta pela destruição do capitalismo e pela construção de uma sociedade socialista de mulheres e homens livres de preconceitos e de exploração. (MOVIMENTO HIP-HOP ORGANIZADO QUILOMBO URBANO [2006 ou 2007]).

Neste documento há um chamado para a percepção dos principais mecanismos de exploração das mulheres, exemplificados, por tarefas simples executadas pelas mulheres, lavagem da farda do companheiro até as mais complexas, execução de trabalhos iguais com diferenças salariais. E finaliza, dizendo não ter nenhuma ilusão que se conquistará a plena liberdade entre homens e mulheres no sistema vigente, e que a luta contra o sexismo na sociedade tem que ser conjunta à luta pela destruição do Capitalismo.

---

<sup>4</sup> É importante caracterizarmos esta posse por esta localizada no bairro da Liberdade, região onde os participantes do Hip Hop tem uma forte incursão, desde quando iniciaram os trabalhos com gangues em São Luís na década de 1990. A posse leva este nome em função da divisão que o bairro tem, formados por um conglomerado de comunidades: Floresta, Promorar, Vila Sésamo, Vila Maruim, Baixinha, Alto do Bode, Brasília, entre outros, que também hoje tornou-se espaço de conflitos inter-bairro, caracterizado por Hertz Dias, por “guerra interna”, em sua dissertação de mestrado intitulada “A posse da Liberdade: a integração neoliberal e a ruptura político-pedagógica do Hip Hop em São Luís, a partir dos anos 1990”.

**Ilustração 3** - Grafite feito grupo D'esquerda crew, na Praça da Criança, na Praia Grande.



Fonte: Acervo da autora.

Como podemos perceber, a partir do trecho do panfleto e do grafite, o Hip Hop está sendo utilizado – por jovens moradores da periferia – para fazer críticas intensas aos padrões e valores da sociedade capitalista. O discurso de classe aliado à questão racial e de gênero faz parte do Quilombo Urbano e servem de alicerce para uma organização mobilizadora, para a formação de um projeto político de sociedade.

Com um forte sentimento de pertencimento étnico-racial e solidariedade de classe, o Grupo de Mulheres “Preta Anastácia” tem atuado no seio do Hip Hop, vendo o machismo como mecanismo de dominação das mulheres e que impede que haja uma solidariedade maior entre os “favelados”.

Reivindicando mais espaços políticos, de direção e de participação nas atividades culturais, combatendo o machismo, dentro e fora do movimento Hip Hop, essas mulheres denunciaram as práticas de dominação dos homens no interior do Hip Hop e empreenderam uma campanha para que o Quilombo Urbano desenvolvesse outra postura em relação às mulheres no interior do movimento. Vejamos o que disseram as mulheres organizadas no Núcleo “Preta Anastácia”:

O Hip Hop tem que inserir em seu conteúdo o universo da mulher de periferia e conscientizar todos e todas que o descaso social, na marginalidade, na violência, no racismo, é sentido pela mulher de forma profunda. Essa inserção tem que partir primeiramente da união e organização das mulheres de periferia, negras e excluídas, deixando de lado vícios burgueses que aprendemos durante toda vida. Como a nequinhã que fala mal da outra, desunião, sem saber que a consequência desse comportamento na periferia é a desorganização. E para que a gente esqueça que todas as mulheres e homens pobres recebem uma herança social: A MISÉRIA.

Precisamos saber que não somos nós os responsáveis por ela. (NÚCLEO DE MULHERES PRETAS ANASTÁCIA, 2010, p.1)

Entretanto, não podemos deixar de destacar que há aspectos diferenciados nas experiências culturais de homens e mulheres na cultura Hip Hop. As mulheres, ao mesmo tempo em que almejam uma maior visibilidade social, alicerçada numa perspectiva de denúncia à desvalorização de suas experiências, de seus pensamentos e suas atitudes, constroem para si uma identidade coletiva. É no discurso das próprias mulheres que a figura feminina é valorizada, enquanto mulher, pobre, negra e lutadora.

Nesse sentido é interessante observarmos um trecho da letra “*Lutadoras da diáspora*”, do grupo de rap DIALETO PRETO, formado pelos MCs: Afonso, Preta Nicinha e Sonianke, a qual discorre sobre o sentimento de identidade, do resgate da memória histórica das mulheres negras e, também, da construção da identidade positiva e reflexão sobre os problemas do cotidiano. Vamos a ela:

Sou uma preta de atitude  
Sou mulher nordestina  
Que acorda cedo às cinco da matina  
Já estou pronta pra guerra  
Machista otário me mira, mas me erra  
Teu sistema que impera  
Padrão capitalista  
Não me vejo na TV  
Nem na capa da revista  
Sou uma preta feminista  
Tenho vários objetivos  
Destruir o teu machismo  
Construir o comunismo  
Honrando minhas ancestrais  
As pretas de há tempos atrás (...)  
Os teus grillhões já não me prendem mais,  
Com os sangues das minhas ancestrais  
Sou uma preta que não se aculturou  
Sou bantu, sou sudanesa, sou jejenagô  
Sou Mahim, na revolta  
Com Anastácia que não se deixou abater  
Sou angolana, haitiana, latino americana  
Mais uma preta lutadora na Diáspora africana.

No trecho inicial podemos perceber as marcas identitárias dessa mulher que faz parte do movimento Hip Hop: mulher, preta e nordestina. Esta destaca a invisibilidade da mulher negra que não está presente nos programas e propagandas de televisão e muito menos em revistas. Nesta a autora também destaca uma das características atribuídas à mulher: sua força, sua luta. A mulher negra da periferia é uma mulher que “*batalha, que acorda cedo, vive no*

*dia-a-dia, faz as suas correrias*”. Esta posituação da periferia, a exaltação e autovalorização da pessoa que nela habita possibilitam uma construção identitária também positivada.

Observamos também, que a música traz à tona mulheres que não são comumente estudadas e conhecidas em nossa História como Luiza Mahim, Acotirene, Preta Anastácia, entre outras, que são personagens históricas recorrentes nas letras de *rap*, nos grafites e na memória das mulheres do Hip Hop. O movimento recupera uma parte da história das mulheres que não observamos nas escolas, nos livros didáticos e na história tradicionalmente ensinada.

É no resgate das histórias de suas ancestrais que as mulheres hip-hopianas resgatam a história de luta e resistência de algumas personalidades femininas negras, como pode ser percebido no trecho: *“Honrando minhas ancestrais/As pretas de há tempos atrás (...)/Os teus grilhões já não me prendem mais,/Com os sangues das minhas ancestrais/Sou uma preta que não se aculturou/Sou bantu, sou sudanesa, sou jeje nagô/Sou Mahim, na revolta/Com Anastácia que não se deixou abater/Sou angolana, haitiana, latino americana/Mais uma preta lutadora na Diáspora africana.*

A partir do resgate dessas histórias das mulheres negras que as mulheres têm constituído valores outros que não aqueles historicamente produzidos no âmbito da sociedade brasileira, que as estigmatiza, produzem sentimentos de inferioridade, autodesvalorização e insegurança.

O *Hip Hop* por meio de suas narrativas em forma de letras de *rap*, seus grafites, suas formas de organização, tem apontado outra História das mulheres negras trazendo à tona personagens históricas não conhecidas pela maior parte da população brasileira e relegadas à subalternidade pela tradicional historiografia brasileira. As mulheres do Quilombo Urbano fazem o esforço de conseguir outra postura interpretativa, utilizando-se das letras de músicas, dos documentos produzidos e dos seus depoimentos para possibilitar o questionamento do “[...] sentido da História profissional que, infelizmente, tem negligenciado aspectos importantes do passado capaz de explicações da cultura popular” (MEIHY, 2004, p. 139).

Criam assim, uma resposta política à situação de opressão na qual a população negra, descendente de africanos escravizados, se encontrou ao longo da história do Brasil.

[...] no plano político, pode-se, a partir da tomada de consciência da exclusão fundamentada na discriminação racial (raça aqui entendida no sentido sociológico e político-ideológico) construir uma identidade negra mobilizadora, pelo fato de todos serem, apesar de oferecerem identidades regionais diferentes, coletivamente submetidas à dominação do segmento branco e constituírem o segmento social mais subalternizado da sociedade. Uma tal identidade, embora passe pela aceitação da negritude e das particularidades culturais negras, tem um conteúdo político e não

cultural, pois alguns negros não vivem as peculiaridades culturais e religiosas do seu grupo histórico e não deixam de participar das identidades dominantes como catolicismo e o protestantismo, [...] (MUNANGA, 2000, p. 32-33).

A identidade negra surge, então, de um movimento conflituoso entre o eurocentrismo, que nega os referenciais negros, e a luta pela valorização desses referenciais por esse segmento da população. Ou seja, de um sentimento depreciativo, negação, constrói-se uma autoimagem positiva e orgulhosa da pessoa negra. Segundo Bernd (1987, p. 38) a “busca pela identidade do negro é a busca de auto definição”, pois se encontra em meio a valores de um mundo branco, de uma cultura eurocêntrica, que os aliena em relação às suas referências históricas.

Tratar identidade negra não se resume apenas ao resgate e valorização da cultura negra e da história do povo negro, envolve o corpo, a cor da pele, o cabelo, as condições de existência do negro na sociedade, simultaneamente a desconstrução de um discurso negativo que é coadjuvante para a manutenção da discriminação e a desigualdade historicamente.

Duarte (2006, p.85) afirma que:

Um nível de consciência individual ou grupal das origens ancestrais capaz de determinar aceitação, reconhecimento e sua auto-afirmação social e cultural a partir desse nível de consciência alcançado, a partir daí o agente concretizado passa a contrapor-se aos outros indivíduos, grupos ou segmentos que vêm na etnia a que pertence uma marca inferiorizada.

A construção da identidade é um processo complexo, que abarca o reconhecimento da ancestralidade e fortalece o indivíduo no enfrentamento do preconceito e da discriminação, sendo, assim, um processo político. A identidade negra é um fator essencial para o negro despojar-se de seu complexo de inferioridade, da alienação do seu corpo, cabelo e cor, da falta de conscientização histórica e política. A identidade negra e ideológica ocorre quando o negro resolve torna-se negro. (MUNANGA, 2009).

A negritude é o processo de aceitação do sujeito, seu corpo negro e cabelo crespo. E a identidade negra é o ato de assumir um posicionamento político-ideológico, para lutar por melhores condições de vida, ou seja, a identidade negra não é automática, passa pelo processo de aceitação para que ocorra o resgate da identidade negra coletiva e mobilização de seus pares para exigir políticas públicas.

Com efeito, a construção e reconhecimento da identidade sempre motivaram e motivam homens e mulheres a se debruçarem sobre o passado em busca dos marcos, temporal ou espacial, que se constituem nas referências reais das lembranças. Para recordar e para se

analisar os processos históricos é necessário ativar a construção de signos, que se constituem como elementos peculiares do reavivamento do passado.

Dessa forma, os lugares da memória, podem ser considerados esteios da identidade social, monumentos que têm, por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme em um processo contínuo, desprendido do passado e descomprometido com o futuro.

Vale lembrar que, segundo Hall (2011), a concepção de identidade do sujeito sociológico está relacionada predominantemente ao interacionismo simbólico, a partir da complexidade do mundo moderno. As identidades estão relacionadas diretamente com a maneira de nos apresentarmos em um determinado contexto e de como somos vistos durante os diversos momentos de interação social de que participamos cotidianamente em um mundo globalizado. Assim, as identidades são posições que o sujeito é obrigado assumir e são moldadas a partir da prática discursiva.

Para as jovens mulheres hip-hopianas declararem-se negras, moradoras de periferia, pobre, são escolhas que revelam os caminhos que elas traçam em seu percurso no Hip Hop.

Nesse sentido, nos amparamos em Castells (2006) a partir de sua concepção de identidades coletivas. Propondo, assim, uma distinção entre três formas e origens de construções de identidades:

[...] identidade legitimadora: é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar a sua dominação em relação aos atores dominante [...] identidades de resistência: criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade [...] identidades de projeto; quando atores sociais, servindo-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na sociedade e de provocar a transformação de toda estrutura social. Este é o caso, por exemplo do feminismo que abandona as trincheiras de resistência, de identidade e dos direitos da mulher, para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram (CASTELLS, 2006 p. 24).

Estas identidades estão inseridas dentro de um determinado contexto histórico e há uma dinâmica entre elas, o que não podemos desconsiderar é em relação aos benefícios gerados por parte de cada identidade para as pessoas que a incorporam. Dessa feita, consideramos que além da identidade ser construída ela está relacionada à interação com os outros indivíduos, ou seja, a produção da mesma se consolida no contato entre os atores sociais e não individualmente.

E com o sentimento de identidade, de quem é negra, moradora da periferia e mulher, que a rapper Preta Nicinha, do grupo Dialeto Preto canta:

Se é favela eu respeito, da quebra, do gueto/  
se é os boys não tem mais jeito senta o dedo/  
que se foda o seu machismo, todo seu preconceito/  
eu continuo favelada, 100% preta, de viela em viela sempre mantendo o respeito/  
com Winnie Mandela, uma militante feminista ladrona, da nova era/  
descendo nas quebras, colando nas favelas/  
distante do pó, do álcool e da merla/  
não posso dar motivo pra acabar atrás da cela/  
eu sou mais Liberdade, posso até está no osso/  
sem nenhum putto no bolso/  
mais distante dos covardes correndo pelo certo/  
sou Quilombo Urbano me apresento Dialeto.

Nesse trecho da música *Vem colar com os pretos*, do grupo de rap Dialeto Preto, percebemos uma forte tentativa de superar a visão estigmatizada da mulher. Nesta há uma valorização da mulher enquanto negra e pobre: *eu continuo favelada, 100% preta*; há utilização de termos como ladrona, que no linguajar dos hip-hopiano significa esperteza. E finaliza com as possibilidades de atitudes de quem mora na periferia tem que ter, mesmo passando por dificuldades e limitações, mas que se orgulha de ser mulher, negra e moradora da periferia.

Essa temática também podemos perceber na música *Três Revoluções*, onde Preta Lu caracteriza os tipos de preconceitos a que as mulheres são submetidas, especificamente a mulher negra e pobre.

Por se mulher, por ser preta, por ser pobre  
Um mundo de preconceito é o que nos envolve  
Por ser mulher delimitam nossos espaços  
Relegadas ao descaso  
Não tem voz, não tem vez  
Jamais questionar, motivos e porquês.  
Qualquer coisa que faça é desvalorizada  
Qualquer atividade subalternizada  
Desde criança incentivada a ter medo  
Desde criança acostumada com o silêncio  
Entre quatro paredes como dona de casa  
Que trabalha muito e não é valorizada  
A conhecer o próprio corpo é proibida  
Como objeto particular é resumida  
E tendo que aceitar as regras desse mundo  
Senão será mal vista, que grande absurdo  
Desde quando inteligência se mede pelo músculo  
Desde quando se é melhor dependendo da cor  
Capacidade é relativa e requer consciência  
Escolher o que é certo e no que dá valor  
Sei que minha melanina te irrita racista  
Burguesia, classe rica que o mundo domina,  
Tua lavagem cerebral comigo não funciona

Socialismo vacinou a descendente africana  
Fragilidade que inventaram para a cabeça das mulheres  
Não serve pras pretas da plebe  
Liberdade fictícia, falsa liberdade,  
Valores que transformam mentiras em verdades  
Cotidianamente com milhares de mulheres  
Acontece o mesmo; injustiça se sucede,  
Trabalha todo dia desde quando amanhece  
E dura o dia inteiro até quando anoitece  
Dupla jornada de trabalho, maldição,  
Fora de casa pro sustento, alimentação,  
Quando volta pra casa, encontra mais trabalho,  
Mesmo física e mentalmente esgotada  
A guerreira se cansa e não é reconhecida  
Tampouco o trabalho que ela realiza  
O sistema capitalista estimula as diferenças  
Justificando sua opressão em várias crenças  
De acreditar quando falam que somos todos iguais  
E a opressão social vai nos passando pra trás  
Realidade prática, cara a cara diária  
É o desrespeito a mulher negra que trabalha e não para  
Uma sequência infalível de valores mesquinhos  
Pra te inferiorizar, mas você não é nada disso  
Não acredite que você nasceu pra ser subalterna  
Não acredite que você nasceu pra ser doméstica  
Como padrão da rede globo na sua novela  
Vida real bem diferente do que passa na tela  
Só patricinha branca que tem vida de donzela  
Sexo frágil eu não, nunca quis ser cinderela  
Fragilidade que inventaram para a cabeça das mulheres  
Não serve pras pretas da plebe  
Liberdade fictícia, falsa liberdade  
Valores que transformam mentiras em verdades

Nesta música, Preta Lu narra as situações as quais as mulheres pretas e pobres estão sujeitas: preconceitos, silêncio, temor, desvalorização e trabalho desvalorizado. Mas todas essas mazelas as quais as mulheres são subjugadas não funcionam mais a esta, pois através do conhecimento da teoria socialista de Marx se libertou das agruras da vida: *Tua lavagem cerebral comigo não funciona/ Socialismo vacinou a descendente africana.*

O refrão da música: *Fragilidade que inventaram para a cabeça das mulheres/ Não serve pras pretas da plebe/ Liberdade fictícia, falsa liberdade/ Valores que transformam mentiras em verdades*, mostra que para uma mulher específica a mulher trabalhadora, moradora da periferia não cabe o título de sexo frágil, pois estas cotidianamente enfrentam as situações mais adversas na busca pela sobrevivência, tecendo um contraponto a questão de que para a mulher negra é criado uma série de preconceitos e estereótipos negativos, que são internalizados por estas e que fazem parte da inferiorização da mulher negra no imaginário coletivo, imbuída de ideologia do patriarcalismo.

A música retrata, também, o intenso trabalho que a mulher é submetida, da lida cotidiana com os afazeres domésticos que lhe suga parte considerável do seu dia, assim como aquelas mulheres que têm que lidar com a dupla jornada, ou seja, sai de casa pro trabalho e quando chega em casa tem que continuar trabalhando: *dupla jornada de trabalho, maldição, fora de casa pro sustento, alimentação/ quando volta pra casa, encontra mais trabalho, mesmo física e mentalmente esgotada*. A letra conclui que mesmo exercendo todas essas funções a mulher e o seu trabalho não são reconhecidos, e estão sujeitas a salário desigual mesmo exercendo as mesmas funções que outra mulher branca.

Houve grandes avanços para as mulheres, muitas conquistas, ocupação de mais espaço na sociedade, inserção na vida política, ocupando lugares de liderança em empresas, e tendo adentrado as mais diversas áreas de trabalho, porém, mesmo com todos os avanços e conquistas muitos problemas continuam a cercar a liberdade e os direitos da mulher na contemporaneidade.

A mulher tem que lidar com os altos índices de violência e mortandade, discriminação e dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. Realidade que denuncia um quadro complexo e conflituoso a qual as mulheres estão subordinadas, a partir das ideologias patriarcais e retrógradas, que refletem uma estrutura social marcada pela “dominação masculina.”

Mas, é preciso pensar estas questões a partir do lugar que se encontram as jovens mulheres hip-hopianas, como mulheres negras e moradoras das periferias maranhense. Estas, por suas especificidades, estão mais vulnerais ao desemprego, à falta de moradia, à violência doméstica e toda sorte desta, à falta de educação, lazer e cultura, ou seja, essas mulheres, em sua maioria, estão excluídas dos espaços sociais considerados de estima pela sociedade.

As mulheres, segundo a música, têm que perceber que fazem parte de um jogo do sistema capitalista, que este utiliza de vários artifícios e ideologias para se manter: *O sistema capitalista estimula as diferenças/ Justificando sua opressão em várias crenças*. No entanto para a mulher negra, estas questões são mais incisivas, pois esta é subjugada aceitar tudo: *É o desrespeito a mulher negra que trabalha e não para/ Uma sequência infalível de valores mesquinhos/ Pra te inferiorizar, mas você não é nada disso/Não acredite que você nasceu pra ser subalterna/Não acredite que você nasceu pra ser doméstica* e não ser vista como padrão, daí sua ausência na televisão *Como padrão da rede globo na sua novela/ Vida real bem diferente do que passa na tela/ Só patricinha branca que tem vida de donzela/ Sexo frágil eu*

*não, nunca quis ser cinderela*, e afirma que para os contos de fadas não fazem parte de seus sonhos, pois a realidade para a menina/mulher negra não permite sonhos deste tipo.

Com efeito, o discurso dessas mulheres se pautou em denunciar experiências vividas do machismo que também é corroborado pelo racismo. Destacamos um trecho da música “Fim do silêncio”, do extinto grupo *Ameaça Feminina* para depreendermos o que estamos discutindo:

Maria lava roupa todo dia é foda/  
pra cárcere privado quem é que se incomoda/  
na pia, no tanque, na cama ou fogão/  
somos mais bem que isso, desligue a televisão/  
novela não ilude, ter grana não é virtude/  
racista não pipoca, valorizo a negritude/  
não vivo de homenagem, sociedade hipócrita/  
educação machista, fábrica de idiotas/  
moleque ganha carro, videogame, bicicleta/  
menina fogãozinho de brinquedo e boneca/  
conceito social, natural ,programado/  
normal pro Estado, futuro planejado/  
ligada nas ideias e caminhando contra o vento/  
disposição pra guerra pode crê, fim do silêncio/

No trecho da música acima é feita a denúncia de como vive a “rainha do lar”, submersa a um mundo de tarefas cotidianas de cuidado com o espaço privado, esse é o limitado espaço a qual pertence: *Maria lava roupa todo dia é foda/ pra cárcere privado quem é que se incomoda/ na pia, no tanque, na cama ou fogão*. E faz um chamado às mulheres para se perceberem como sujeitos de suas histórias: *somos mais bem que isso, desligue a televisão/novela não ilude, ter grana não é virtude/ racista não pipoca, valorizo a negritude/ não vivo de homenagem, sociedade hipócrita*. Desmitificando assim, que muitas conquistas que as mulheres tiveram não foram conquistas que incluíram as mulheres negras e pobres.

E dessa forma faz críticas à educação sexista que recebemos que tem a mulher, na condição de mãe, responsável pela educação dos filhos tornando-se, muitas vezes inconscientemente, mantenedora desta: *educação machista, fábrica de idiotas/ moleque ganha carro, videogame, bicicleta/ menina fogãozinho de brinquedo e boneca/ conceito social, natural, programado/ normal pro Estado, futuro planejado*.

Mostrando que os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres na nossa sociedade é fruto dessa educação que desde cedo condicionam corpos masculinos e femininos a desempenharem “suas funções”.

O grupo rap Ameaça Feminina, atualmente não existe mais, era formado por três mulheres: Preta Lu, Luana e Anah. Essas mulheres vão se incorporar a outros grupos de rap

ainda existentes. Podemos inferir, que as rappers maranhenses denunciaram com veemência em suas letras, as representações, estéticas, padrões e preconceitos enfrentados por elas, isto, a partir da tomada de consciência de como se processava o mecanismo de exclusão social e de gênero.

No entanto, se a luta por uma imagem positivada para a juventude Hip Hop é algo que une homens e mulheres do movimento, há por outro lado enfrentamentos cotidianos vivenciados pelas jovens com relação à desigualdade de gênero entre pares.

No entanto, a participação dessas jovens no Hip Hop tem o potencial de tencionar o campo das relações de gênero trazendo à tona uma diversidade de posicionamentos sobre o tema das desigualdades entre os homens e mulheres. Vejamos o que diz Reginaldo<sup>5</sup>

*O machismo ainda existe dentro do Hip Hop, até porque a gente vê pouco grupo de mulheres se organizando, a gente vê pouco grupo de mulheres que grafitam, pouco de grupo de mulheres que dançam break. Então se a gente for vê nas especificidades de cada elemento do Hip Hop da cultura são poucos que tem várias mulheres participando.*

*Mas especificamente dentro do Quilombo Urbano acho que a gente já assimilou esse problema e tenta desconstruir, esse machismo que se tem na cultura Hip Hop, como no próprio movimento tem mulheres que tem grupo de rap, que se organizam dentro do movimento, como o Núcleo de mulheres “Preta Anastácia” que procura sempre discutir as práticas machista tanto fora do movimento, na sociedade, quanto dentro do movimento entre os próprios companheiros, como por exemplo: algumas piadinhas, que as mulheres não aceitam. Como em alguns locais aí, em que a gente ver, que enquanto eu estou defendendo meu gênero tá tudo bacana, mas quando vai pro gênero do outro, eu vou fazer piadinha, vou fazer... A gente tá sempre atento a essa questão de não tá tratando as mulheres com machismo, de não tá tratando as mulheres com desigualdade e a gente tem sempre que refletir essas práticas para que não aconteça dentro do movimento.*

Mas, embora tenha um esforço de homens e mulheres hip-hopianas em desconstruir a heteronormatividade masculina no Hip Hop, como bem assinalou Reginaldo na entrevista acima, no Quilombo Urbano, esses ranços ainda persistem nessa organização, coisa que é perceptível, a partir da pouca presença de mulheres e através de alguns instrumentos de divulgação. O exemplo mais recente que temos disso é o cartaz da IX Marcha da periferia e do 25º Festival de Hip Hop que não traz nenhuma referencia feminina.

---

<sup>5</sup> Reginaldo é militante do Movimento Hip hop Organizado do maranhão Quilombo Urbano, é trabalhador da construção civil, e atualmente faz o Curso de Ciência Sociais, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).Entrevista concedida em 28 de outubro de 2014, na UFMA.

Ilustração 4– Cartazes dos Festival de Hip hop



Fonte: Acervo do Quilombo Urbano

A atuação destas jovens, a partir das exemplificações citadas acima, mostram os inúmeros desafios que estas jovens mulheres tiveram para adentrar em um espaço majoritariamente formado por homens e considerado misógino. No entanto, essa “brecha” que essas mulheres tiveram, influenciaram sobremaneira atuação do movimento. Entretanto, como nos mais diversos campos da vida social – político, econômico, etc. – no Hip Hop, mesmo no maranhense, as mulheres ainda precisam combater e ultrapassar muitas barreiras impostas pela dominação masculina. Mas é um caminho que está sendo seguido e enfrentado.

### Referências

- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5.ed. Trad. Klauss Brandini Gerhhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.
- DUARTE, Rebeca Oliveira. **Nos alicerces do Mundo: o dilema e a dialética na afirmação da identidade negra**. Recife, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro Edições. 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2011

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. O samba é morena de angola: oralidade e música. **História oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, v.7, n.7, jun. 2004. Associação de História Oral.

MOVIMENTO HIP-HOP ORGANIZADO QUILOMBO URBANO. **Nem tudo é rosa no oito de março da periferia, posse liberdade sem fronteira**. São Luís, [2006 ou 2007]. Panfleto.

MOVIMENTO HIP-HOP ORGANIZADO QUILOMBO URBANO. **Proposta para reorganização do quilombo urbano**, São Luís, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra . Petropolis: Vozes, 2000.

NÚCLEO DE MULHERES PRETAS ANASTÁCIA. **Informativo Anastácia**, n.2, São Luís, nov./dez. 2010.

RIBEIRO, Sônia Maria Pereira. **Tia Nastácia**: até que ponto um instrumento de divulgação de estereótipo de idosa negra. In: Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, UFBA, 2011.

### Músicas

AMEAÇA FEMININA. **Fim do silêncio**. Música, São Luís-MA, 2011.

DIALETO PRETO, formado pelos MCs: Afonso, Preta Nicinha e Sonianke, **Lutadoras da Diáspora**. Música, São Luís-MA, 2010.

DIALETO PRETO. **Vem colar com os pretos**. Música, São Luís-MA, 2012

PRETA LU. **Três revoluções**. Música, São Luís-MA, 2012.

---

### Claudimar Alves Durans

Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa/ Francês e suas respectivas literaturas. Mestre em História Social (UFMA). Atualmente pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal do Maranhão (NEAB-UFMA).

E-mail: [claudimardurans@yahoo.com.br](mailto:claudimardurans@yahoo.com.br)